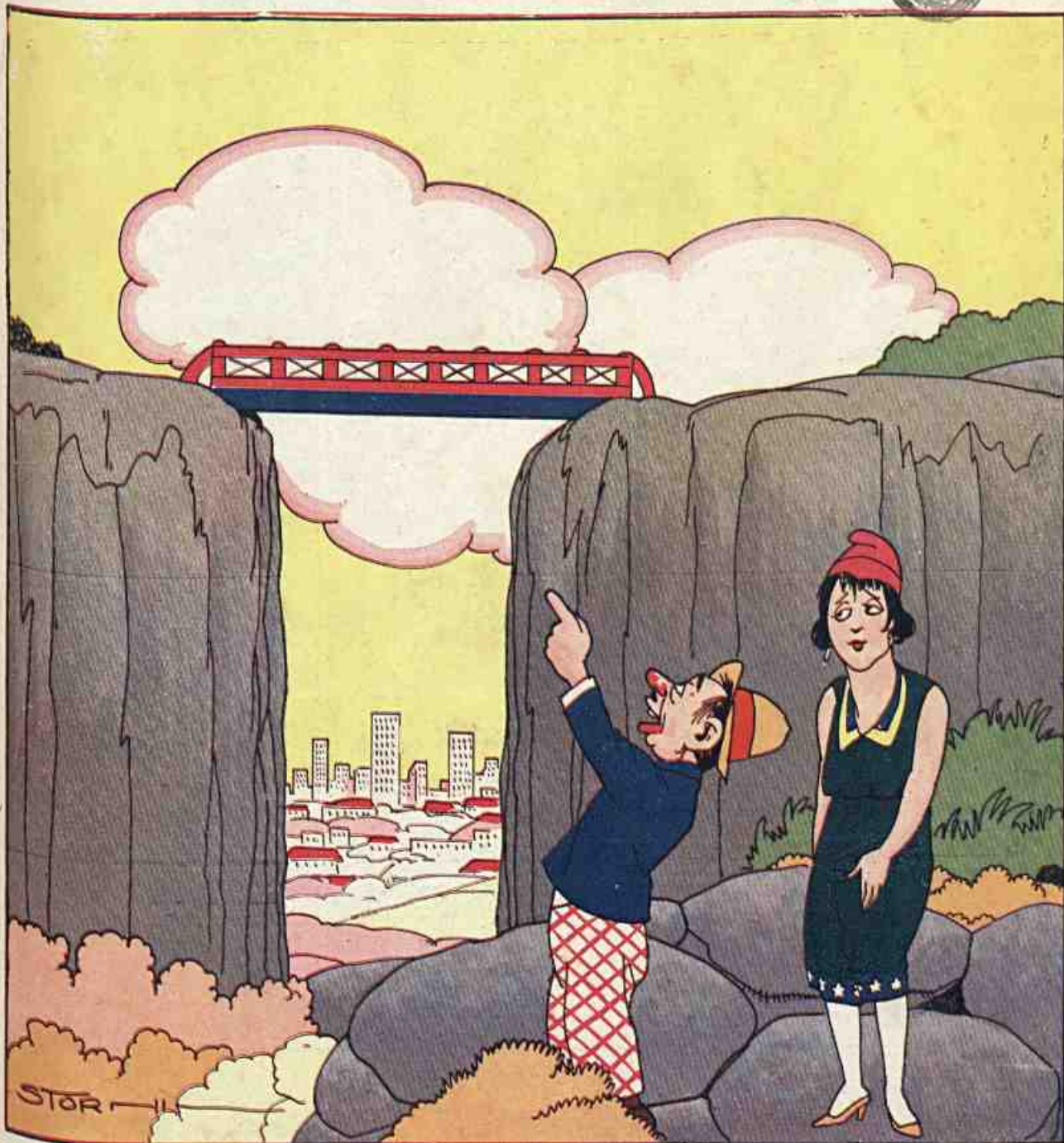
15 MARÇO 1930

Careta

NUMERO 1134 ANNO XXIII

PARA O LADO VENCEDOR

A Patria — Agora se estabeleceu um profundo abysmo entre os brasileiros!

Zé — Você é muito ingenua na interpretação do espirito da nossa nacionalidade politica. Não está vendo a ponte já collocada para a passagem dos *adherentes*?...

DESENHO REGISTRADO

AGENTES GERAES: HERM. STOLTZ & CO.

RIO — SÃO PAULO — PERNAMBUCO

*** Na India, dez dias depois do nascimento de uma criança, faz se uma cerimonia para lhe pôr o nome. Para isso estendem na sobre uma toalha cheia de arroz e depois de a haverem rolado bem de um lado para o outro, põem-lhe o nome que deve conservar toda a sua vida.

Dous mezes depois os pais apresentam-na em um pagode, onde um brahmane, recitando algumas orações, lhe põe sobre a cabeça pedaços de sandalo, camphora, cravo e outros perfumes; depois estendendo sobre ella, solennemente, a mão, dirige-lhe estas palavras:

— Vai. Se quizeres ser feliz, sê virtuoso.

*** Numerosas anecdotas, exemplos authenticos, comprovam a attracção que a musica exerce sobre os animaes. Grety, em seus «Ensaios sobre a Musica» fala de uma aranha melomana, que descia para o seu piano quando elle começava a tocar.

Os passaros são verdadeiros musicos; com a arte de associar sons idistinctos e reter as arias, que ouvem cantar até podem repetil-as exatamente.

Grety, compoz até uma aria para canarios.

*** Darwim, o grande naturalista, quando de viagem pela America do Sul, morou na praia de Botafogo, em 1832 e dizia: «E' impossivel imaginar-se uma habitação mais deliciosa...

*** Em Boston vae ser construido um arranha-céo que cobrirá uma aréa de 11.000 metros quadrados, sendo, assim, em espaço occupado, o maior edificio dos Estados Unidos, superior aos da General Motors em Detroit, e na Equitable, em Nova York, que são, até agora, os maiores.

Poderá conter o collossal edificio vinte e cinco mil pessoas mais do que a população da capital de Goyaz, e disporá de uma garage para 5.000 automoveis.

No sub-solo do grande arranha-céo ficará installada uma estação de rêde de aviação subterranea de Boston.

O DONO DA CASA

Muita gente acredita que ainda haja neste mundo o individuo conhecido na historia e na legenda como «Dono da Casa». Essse cavalheiro antiquado, barbado e sério quasi que nem deixou vestigio de sua passagem pelas casas destes dez ultimos annos. Fala-se nelle como se fala no lobishomem, bicho que nunca existiu e só serve para metter medo ás crianças.

Mas eu logrei conhecer o dono da casa, um certo Carvalho que tinha uma casa parecida com a dos modelos patriarchaes, uma coisa que ficava entre a fortaleza e o convento, mettido ao fundo de uma chacara com portão de ferro, cinco cachorros e um papagaio falador na varanda.

Esse Carvalho era o dono da casa. Tinha uma mulher legitima, duas criadas legitimas, uma mulata e uma portugueza, cinco filhos do matrimonio legitimo, seis outras crianças, trez de cada criada, e um chacareiro portuguez, solteiro e de soiças.

O Carvalho, dono da casa, saia ás 8 da manhã e voltava ás cinco da tarde. Toda a sua vida estava nisso, entrar e sair.

No interior da casa, quem mandava era elle, era o dono daquillo, sem contestação.

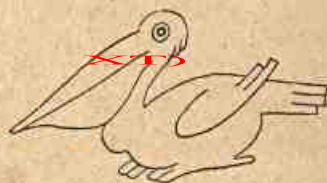
Apenas, um dia, o Carvalho sentiu que não era tão dono da casa como dizia e como todos pensavam. Foi quando teve um ataque de apoplexia que o deixou em estado de semi-consciencia. Nesse dia, meio adormecido, elle ouviu as trez mulheres dizerem entre si:

— Quando sair o enterro vou mandar entrar o Arthur para ficar com as crianças.

— E eu, disse a mulata, vou buscar o Maneco para tomar conta da casa.

— E eu — disse a portugueza — vou-me embora com o Manoel para a terra...

E desabaram um «pranto de choro» que fizeram o Carvalho pular da cama e ficar curado do ataque da cabeça...

A. E. I.

NO CONSULTORIO

«O medico» — Seu nariz é vermelho, porque o senhor bebe muito vinho. O senhor deve passar pelo menos um anno bebendo apenas... leite.

— Mas, doutor! Já pratiquei esse regimem sem resultado.

— Quado isso?

— No primeiro anno da minha vida.

* * * A ultima novidade em navegação area é o «diriplano», inventado por um engenheiro norte-americano, mr. Binckhylez. Nesse apparelho se fundirão as vantagens do areoplano e do dirigivel e terá a especialidade de subir e descer verticalmente. Medirá 75 m. de compr. por 32 de larg. e, com seus cinco motores desenvolverá a velocidade de 180 milhas por hora podendo levar 30 passageiros e 1500 kilos de carga.

* * * Os camelos da Monogolia são animaes robustos e indomitos. A mordedura em geral envenena o sangue e o seu halito é tão nocivo que o conductor de camelos não vive muito. Os machos particularmente bravios são marcados com um panno vermelho para assignal os aos estranhos.

Philosophia Aquatica

As viagens maritimas têm um effeito sedativo incontestavel especialmente quando se alongam por alguns dias de céu e mar, sem escala pelos portos. Do centro do circulo limitado pelo horizonte, com o mar uniforme por todos os lados, o espirito é levado a considerar mesquinhas todas as cousas humanas. Neste obscuro planeta só o Mar é grande. A grandeza dos accidentes geographicos, montanhas, rios e abismos, desapparece diante da magestade do Oceano, no qual parece que o proprio sol se dissolve á tarde, depois de haver nascido delle pela manhã.

Memento, homo quia pulvis es!...

Mas no mar não existe pó, a não ser o pouco que fica dos fortuitos contactos com a terra. O animal humano, na sua esphemera luta terrestre, levanta o pó rememorativo. No mar cessa o memento.

A doca é uma prosaica invenção. Antigamente os grandes barcos ficavam ao largo como gigantes orgulhosos, desdenhando de se approximar da terra polluida. As pequenas embarcações iam e vinham açodadas, trazendo e levando gente e mercadorias. Depois repleto o bojo profundo, elles partiam, sem estender a mão, accusando apenas com uma leve flamula, como para evitar os contagios.

O mar é grande; a terra é mesquinhas.

A superficie marinha, tranquilla ou revolta, alonga-se e alarga-se, uniforme, como uma obra bem acabada. A terra altera-se, deprime-se alisa-se, contorce-se, como obra do acaso ou amontoado de materiaes que ninguem aproveitou.

Quando se está no mar, no silencio portentoso do oceano, tem-se um sorriso complacente para o formigamento que anda em terra, para o titanico esforço construtivo do qual resultam creações pueris que o oceano em um segundo, tragaria seus esforços.

No mar, como a vista se alarga, tambem o espirito se expande.

Todos os homens deviam, de quando em vez, fazer-se ao mar deixando por alguns dias o prosaismo do vida quotidiana, que illude com a apparencia do exito e embrutece pela rotina.

O mar é o refugio supremo dos embotados e dos exhaustos; é a mais efficaz de todas as curas. A Natureza nol-o deu para podermos fugir aos ruidos humanos e, indo mais longe ainda em sua misericordia, não consetiu que os peixes adquirissem o funesto dom da palavra.

MICROMEGAS

PENSAMENTO

O «não posso» dos negligentes e o «não quero» dos costumazes valem quasi o mesmo.

P. M. BERNARDES

Na Inglaterra, Caxton, que em 1474 introduzira no paiz a imprensa, recebeu honras excepcionaes, e o seu corpo repousa em Westminster, celebre abbadia que encerra os despojos dos reis e dos homens mais illustres da Grã Bretanha.

Mas, na Turquia, o sultão Bajazet, II, por decerto de 1433, prohibiu aos subditos, sob pena de morte, o uso de livros impressos.

Não obstante essa ameaça, a typographia era introduzida em Constantinopla, no anno de 1490, por alguns israelistas; e mais tarde quando o typographo italiano, tambem israelista, Soncino, se estabeleceu na Turquia, numerosas obras foram impressas entre 1529 e 1533, com a tolerancia do sultão.

NOCTURNO

A luz da lua, pallida, afagava
Seu florido balcão... Uma quietude,
Que apenas meu suavissimo alúde
Muito timidamente perturbava.

No céu subia a lua. Ella tardava...
Mas vel-a emfim por entre as flôres pude,
De branco, a imagem mesmo da virtude,
Que com a sua graça se casava.

Buscaram-me seus olhos docemente,
Derramando me n'alma, pouco a pouco,
A mais sublime confissão: Sou tua!

Que esse instante durasse eternamente
Foi meu anhelo, e então, num gesto louco,
Novo Josué, mandei parar a lua.

JOÃO RIALTO

Comquanto cinco seculos tenham decorrido depois da invenção de imprensa e o tempo haja revelado varios aspectos ignorados e incertos, attinentes á sua origem e ao seu progresso, ainda é hoje difficil formar uma idéa exacta quanto ao effeito suscitado no espirito dos diversos povos pela maravilhosa descoberta.

Sabe-se, entretanto, que a invenção e o inventor provocaram enthusiasmo em certos paizes, e, a imprensa foi chamada a «arte divina».

A tradição nos transmittiu varios testemunhos da admiração de principes, literatos, artistas e ecclesiasticos.

Cumpre, porém, notar que essa sympathia não foi unanime.

Os propagadores da typographia tiveram que lutar contra adversarios, numerosos e tenazes, constituidos, na maioria, por copistas, aos quaes a nova arte vinha causar irreparavel prejuizo.

A elles juntaram-se reprezentantes do clero, no conceito dos quaes era grave sacrilegio facultar a todos a leitura de textos sacros, que encerravam os preceitos divinos de lhes garantir o pão e a predominancia.

* * * Certas baratas, que constituem uma praga de batatas, andavam destruindo as colheitas, e descobriu-se que o melhor meio de se destruir tal flagello era induzir-se sapos que comem taes baratas.

Descobriu-se tambem que esses sapos tinham uma grande attração pela banda de musica da cidade, de maneira que a banda foi solicitada para tocar numa plantação de batatas (!) Os sapos vieram com um appetite mais intensificado do que nunca pela musica e deram cabo das baratas.

Quer seja esta historia verdadeira ou não, o facto é que muitos animaes, incluindo leões marinhos, sapos, rãs, macacos e cães são attrahidos pela musica. Os sapos têm tympano extremo, e se tudo está quieto e um som repentino é produzido, costumam virar a cabeça para um lado e permanecem attentos.

Os leões marinhos são particularmente sensiveis. Experiencias feitas no jardim zoologico de Londres demonstram que gostam de musica suave, mas que odeiam o jazz. Costumavam sahir d'agua e ouvir attentamente melodias como a «Sonata ao luar», mas logo que o jazz se punha a tocar, mergulhavam n'agua novamente.

J. Schmidt. — Director-Proprietario.
Roberto Schmidt. — Gerente.

REDACÇÃO E OFFICINAS: — RUA FREI CANECA N. 383 — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA SOB REGISTRO
ANNO.... 43$000 | SEMESTRE.. 22$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL.. 500 Rs. | ESTADOS.. 600 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS — TELEPHONE VILLA 4994

Este numero contém 44 paginas

N. 1134 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 15 — MARÇO — 1930 — ANNO XXII

Looping the Loop

POR DIZER; POR ESCREVER

O voto em si, já se sabe, é uma estupefaciente abdicação.

O cavalheiro, por cinco gerações embrutecido, que sae de sua casa, com ares de cidadão, e vae consciente ou inconsciente delegar em outro cavalheiro consciente ou inconsciente o seu direito, está varios degraus abaixo do carneiro preto e desapparece completamente deante do anthropopitheco.

Mas está entendido que esse lamentavel senhor vai cumprir um dever civico, isto é, exercer um acto de soberania.

E, para que se mantenha bem viva a consciencia ou a inconsciencia desse civil, as democracias jesuiticas e reaccionarias reeditam as praticas que antes de Luthero e de Calvino, serviam para vender indulgencias aos degradados e espoliados que iam ao crime atravez do fanatismo e queriam alcançar a eternidade atravez da loucura.

Ha ainda espiritos benevolentes que têm vontade de rir.

Infelizmente o grau de miseria e de vergonha já é tão baixo na escala descensional do zero que a indignação já lavra intensa e passa alem do abstencionismo, primeiro e ultimo documento de vida do caracter nacional julgado moribundo neste paiz trahido.

Não ha mais a rir do cretino ou do microcephalo arrebanhado no despejo do suffragismo universal. O ser ridiculo que vota chegou ao odioso e já não ha mais caricaturista ou humorista que não se arripie ante os gestos e feitos da feira-livre do voto.

Seria, aliás, uma impiedade rir da miseria; o velho e romantico espirito de liberalismo tem ainda pena dos cancros, das chagas, de todas as formas de morte e da miseria, e guarda as suas notas alacres e subtis quando contempla a cáfila eleitoral em marcha para a assignatura de sua propria sentença de anniquillamento.

Entretanto o humor e a satira já mudaram o alvo de suas setas e acertaram no preto.

Em vez da azemola suffragista o sarcasmo visa o suffraganeo, ou suffragado, o cavalheiro bastante cynico e decididamente audaz que mendiga o voto ou se attribue inverosimeis e fantasticas delegações que a fraude, a tramoia, o suborno, a venalidade, a maromba da urna e a prestidigitação arithmetica conseguem.

E dizer-se que todo o edificio da civilisação politica do progresso, economico e da ordem capitalistica assenta sobre semelhante vergonha...

Mas, sejamos liberaes por cinco minutos e vejamos o que é possivel.

Dizem que a extirpação de um cancro se faz geralmente com o sacrificio de uma vida; e applicando essa coisa ao corpo carcomido da democracia nacional, admitta-se que a extincção do carcinoma eleitoral arraste o obito da republica tão cara aos necrophagos da alta politica; o que é falso, porque a republica é uma ficção, ao passo que a vida de 40 milhões de seres é uma inafastavel realidade.

Admittamos o voto e o principio da abdicação a que o povo previamente desarmado e endoutrinado se acostumou.

Porque em vez dessa espantosa miseria do voto universal, que na Inglaterra eleva os trabalhistas até a cumplicidade com o governo contra a nação, que na França solidarisa a plebe com os estranguladores da Allemanha e nesta selecciona os inimigos de quem têm fome; porque em vez desse assombro de incoherencia, de negação e de disparate não se recorre ao voto de classe?

Este, pelo menos, tem a vantagem de ser uma representação clara e insophismavel dos interesses insophismaveis e claros que formam a concurrencia da vida vulgar baseada na crua luta das classes.

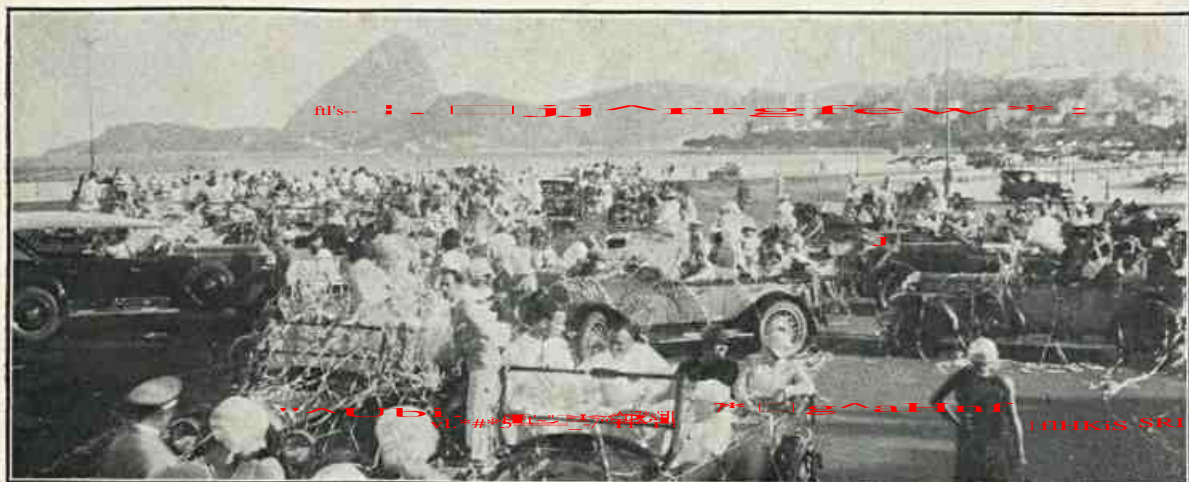
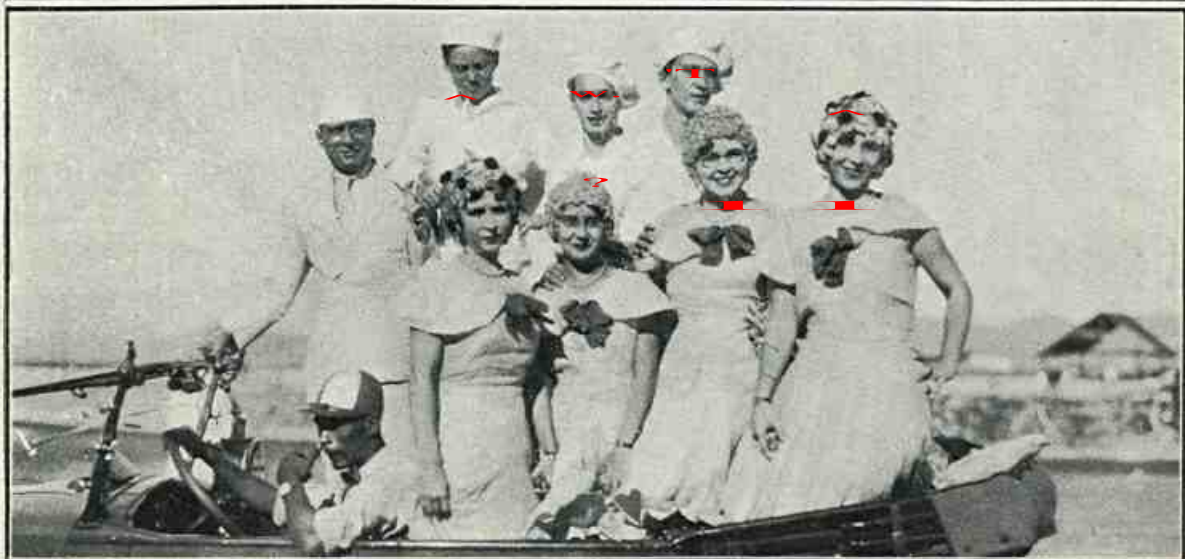
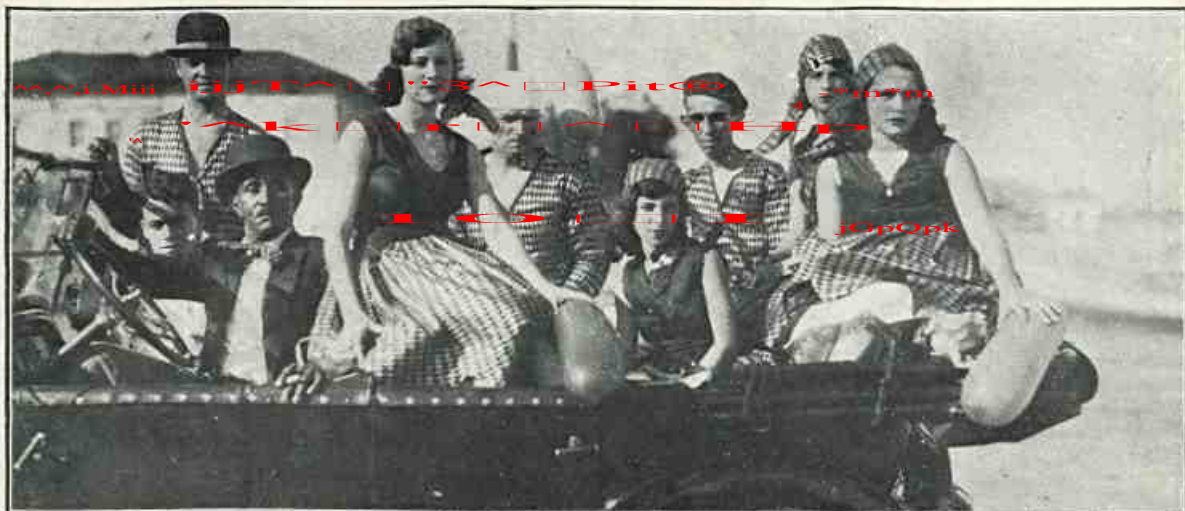
O cavalheiro classificado pelo trabalho, pelo interesse ou pela producção escolhe o cavalheiro da mesma e identica profissão para seu representante nas assembléas onde se fabricam leis.

Não votam nunca por esse processo o desclassido, o vagabundo, o cafageste, ainda mesmo quando as classes numericamente inferiores recorressem ao recrutamento dos inclassificaveis.

O lavrador votaria no lavrador, o medico no medico, o soldado no militar, o negociante no negociante, e si o vagabundo parazita fosse uma classe votaria no politico profissional.

A vergonha eleitoral salvaria ao menos as apparencias...

D. R. F.

ÉCOS DO CARNAVAL

No Corso da Avenida de 2.ª feira gorda.

E'COS DO CARNAVAL — O corso na Avenida.

COFRES FEDERAES E ESTADOAES

ELLA — Eis aqui, povo soberano! Eis aqui as verdadeiras victimas da grande batalha... eleitoral!

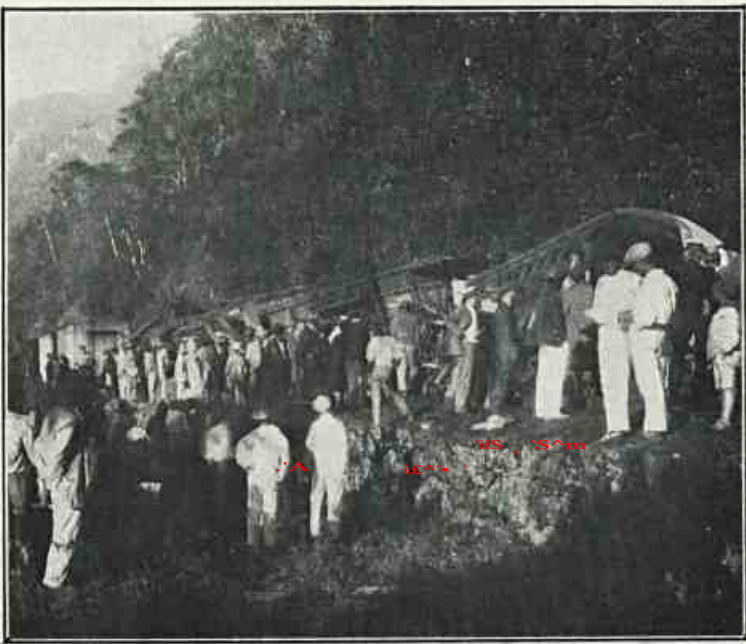
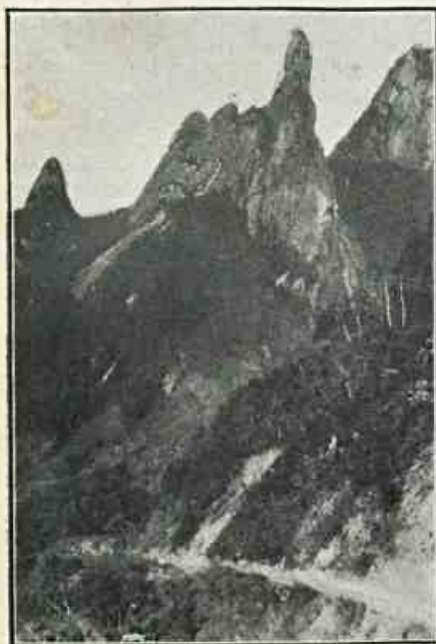
FLUMINENSE F. CLUB

Baile de 2ª feira gorda.

CLUB INTERNACIONAL DE REGATAS

Baile de 2ª feira gorda.

— Vá lá em casa amanhã cêdo e avisa que não voltei porque estou com a molestia do papagaio, isolado no Paula Candido.
— E se tua senhora perguntar o que estás sentindo?
— Não lhe diga que sinto gosto de cabo de guarda-chuva, que isto em mim é mais antigo que a molestia do papagaio.

O TERRIVEL DESASTRE DA E. F. THEREZOPOLIS

Em Therezopolis. — I — A curva da estrada onde se deu o lamentavel desastre, que tantas victimas causou. II — O estado em que ficou a composição do trem sinistrado.

(Cedida pelo phot. A. Bomfim)

DO OUTRO SEXO

Não sei si lhe disse alguma vez que o amor é uma invenção dos homens, um recurso desesperado de que elles lançam mão para enfeitar e embellezar a vida das mulheres, vida que, sem essa creação poderosa e resplandecente seria de uma grosseria atroz.

Inventando o amor, os homens tinham, como têm, afinal, a illusão de que as mulheres os comprehendessem, concorrendo com elles para tornar o puro instincto do sexo fraco em idealismo permanente e elevado.

Infelizmente as mulheres, do amor só tiram a parte relativa aos seus cinco minutos de alucinação corporea e deixam o resto á energia sentimental dos homens que persistem na conclusão do palacio de crystal e da torre de marfim do grande sonho viril.

As mais sabidas das mulheres, aquellas que ao fim de uma larga civilização puderam ler e escrever, aprender as artes e conseguiram concatenar duas ideias entre tres que se succedem, essas mulheres perceberam rapidamente que o idealismo sentimental dos homens trazia para elles uma notavel cegueira e resolveram aproveitar esse estado de extase masculino para saqueal-os e levar a melhor nesta vida em que só ha lutas, desespero e desengano.

O amor foi, assim, um ideal que a generosidade do homem transmudou em arma mortifera e em esparrela. O desgraçado que leva a poesia do amor a sério encontrará inevitavelmente, não uma mulher, mas dez mil capazes de comer e luxar á sua custa, e ainda sem dar mesmo de troco os dez minutos do instincto algumas vezes por mez.

Si o amor consegue contaminar o cerebro de certas mulheres, dá-se, não um phenomeno nervoso de comprehensão, mas uma verdadeira infecção mental que faz com que as mulheres atacadas de amor alheio (o amor é sempre de algum homem) pratiquem toda a sorte de asneiras, de crimes, de baixezas, de vergonhas e de infamias.

Siga a Sra. a linha sentimental da contaminação amorosa das mulheres suas conhecidas e veja como essas criaturas se desatinam e se arrastam de desastre em desastre.

E' as vezes de um gesto irritante escutar as mulheres falarem de amor: no meio da phrase ha invariavelmente uma transação de fundo economico, si não escandalosamente commercial. Nesse terreno as mulheres sobem aos planos superiores da arte de roubar as suas semelhantes, as outras mulheres, e para isso é apenas preciso que a mulher apaixonada vislumbre, descubra, perceba que pode apparecer outra mulher mettida em seu negocio de amor. Sem um calculo do prejuizo do negocio, sem a duvida ou certeza de que outra mulher pode negociar o amor a preço mais vantajoso, mulher alguma se mette a fingir que está amando.

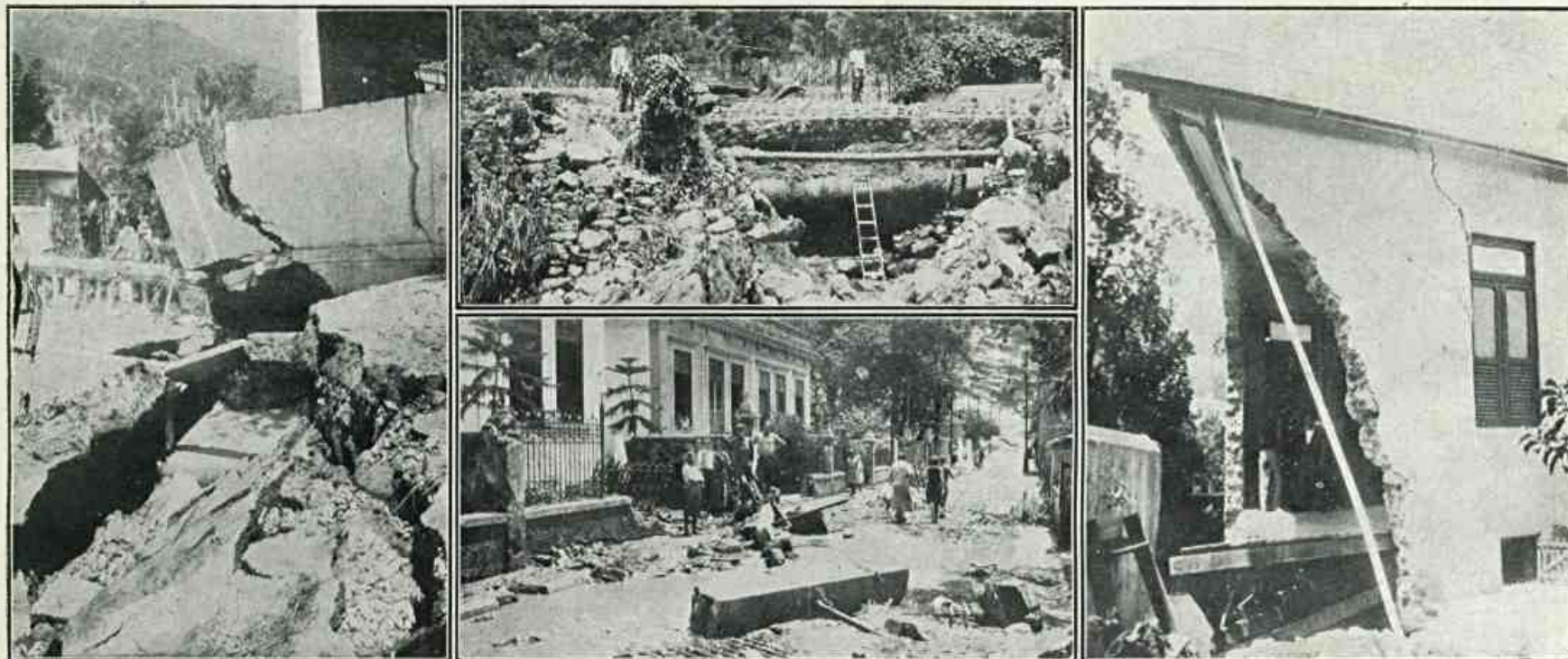
E' triste de dizer-se, mas é a desgraçada realidade, oriunda da incapacidade cerebral e organica do sexo junta á ingenuidade do homem e do seu esplendido vôo ao azul nupcial.

Emquanto o homem põe todas as suas energias ao serviço da perfeição sexual, a mulher friamente toma um lapis e faz as contas no seu caderninho de venda. E si o negocio é bom, eil-a exultante, radiante, excitante, capaz de sacrificar ao homem amado os dez minutos de prazer de seu dia ganho.

E quer a Sra. ver a especie de féra sentimental que está dentro de um corpo esculptural? Ponha outro corpo esculptural com mais pratica do negocio do amor na janella fronteira...

E. Rieffe

O TEMPORAL DO ULTIMO DIA DE FEVEREIRO E SEUS TERRIVEIS EFFEITOS NA TIJUCA

ASPECTOS TOMADOS NOS PONTOS ATTINGIDOS PELA CHEIA DO RIO

Rua Tromposky. Rua Conde Bomfim e Travessa Affonso. Rua Conde Bomfim.

QUE LUTA!

O Brasil marcha para a frente, mas custa!

Baile infantil de 2ª feira gorda no Club Naval

Declaração epistolar de um geometra

Rio, Verão de 1930

Lucia.

Agora, quasi na *curva* extrema da *trajectoria* da mocidade, sinto-me *inclinado* a transformar, por completo, a *directriz* da minha vida pois o amor profundo que me inspiraste me fez enxergar o *mundo* por um *prisma* diverso e *architectar* novos *planos* para o futuro.

Até então a existencia para mim tem sido *mixta* de descrença, triste como uma *parabola* de Wilde, solitaria como as *pyramides* immutaveis do deserto de Gizeh.

Hoje, porém, vislumbro a *perspectiva* de ridentes *horizontes* estimulado pelo brilho qua se emana dos *focos* luminosos de teus olhos divinos. Podes crer firmemente que essas expressões, despidas dos requintes da *hyperbole*, não prescinde, em absoluto, a sinceridade, que é a *geratriz* de todo o caracter *recto* e de todas as almas que vivem numa *esphera* elevada e nobre.

A *linha* correcta de teu hieratico perfil me fez distinguir-te no *circulo* inquieto e garrulo de tuas amiguinhas e desde ahi, uma paixão profunda, *parallela* a uma infinita esperança brotou espontanea em minh'alma.

Vivo então sonhando com teu perturbador sorriso de um *raio* de felicidade que *projecta* em mim indizivel alegria.

A constancia que é a *base* de toda conquista, me elevará, em breve, á *altura* de tua consideração.

No ambicionado dia que meu destino fôr para sempre depositado na concha *concava* e macia de tua mão de fada, passaria a ser a creatura mais ditosa da *superficie convexa* da *terra*.

Por emquanto irei vivendo fechado na magnifica *ecliptica* de meus ardentes ideaes até que teu amor se torne o almejado *complemento* da minha ventura.

Irmanados assim pelo sentimento, unidos por todo *espaço* da existencia trilharemos juntos a estrada variavel e *sinuosa* da vida.

Si, porem, teus projectos forem *oppostos* aos meus, continuarei mergulhado na *esphera* da triste solidão que me impõe a infelicidade de não viver a teu *lado*.

Termino, entretanto, com esperança de que tua resposta não venha arrojar-me do *vertice* do sonho, pondo um *ponto* final nessa suave pagina de amor.

Thales

Confere:

JURACY SPINOLA CORRÊA

LARGO DO MACHADO

Instantaneo

ECOS DO CARNAVAL

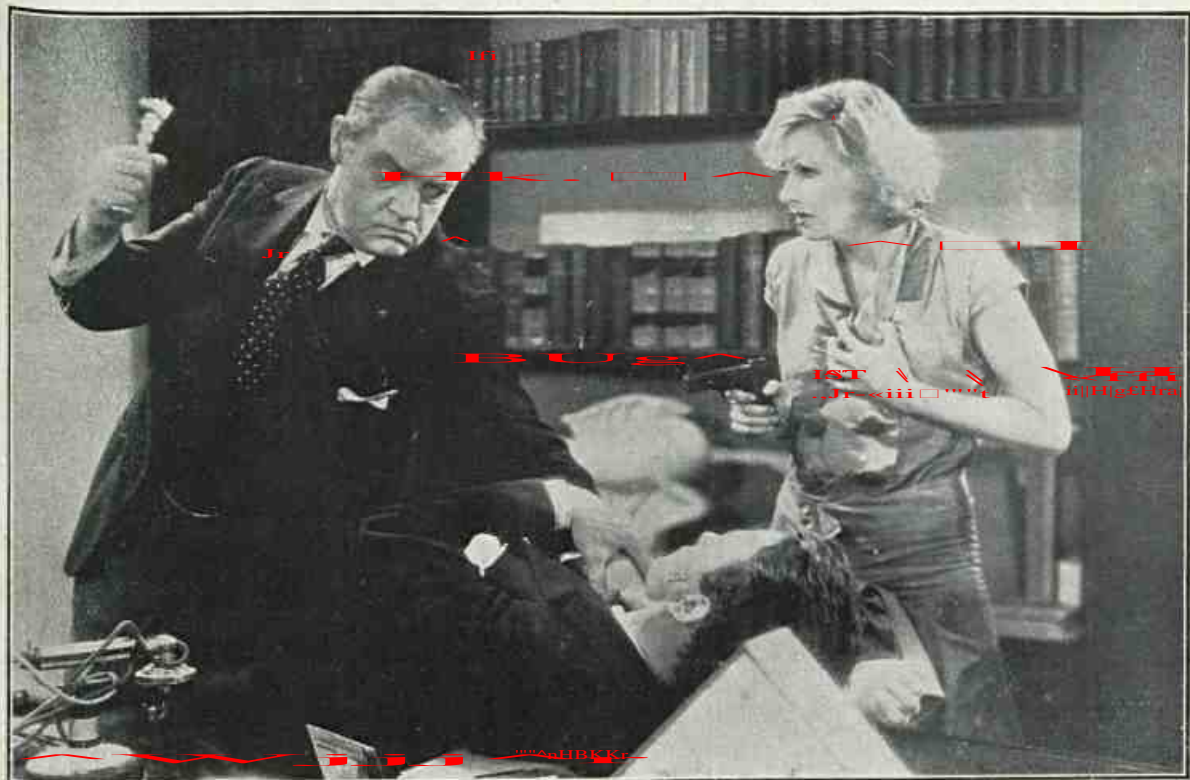
O baile de 2.ª feira gorda no Club de S. Christovam.

ECOS DO CARNAVAL

O baile de 2.ª feira gorda no Villa Izabel F. Club.

que de facto ella fôra a assassina e André Dubail defendera-a crente de que lavrava uma causa justa. Além disso, ella precisava contar o que se passára, a presença de Pierre, a sua situação talvez não comprehendivel... Mas o amor de Dubail era grande, e seu coração o bastante compativel para sentir a verdade que Irene lhe dizia.

E como em certos casos na Vida, o Amor e a Felicidade e não a justiça deve vencer, Irene se viu presa, sim, mas nos braços de André Dubail...

— FIM —

COPACABANA

Uma vanguarda de banhistas no Posto 4.

Um sorriso para todas...

Não, absolutamente não, minha senhora, o Carnaval não é ridiculo! Em hypothese alguma. E' ao contrario, uma festa bôa, util e saudavel. Digo-lhe mais: é necessario. No Brasil é talvez indispensavel. Creio que o que verdadeiramente mantem, entre nós, o equilibrio da vida nacional, é a alegria unanime desses tres dias felizes. Povo fundamentalmente triste, só temos um derivativo para as nossas maguas incuraveis: o Carnaval. E' o Carnaval, asseguro lhe, que nos liberta dos damnos moraes da melancolia, do perigo imaginario das revoluções e dos fantasmas negros da crise. Durante os tres dias incomparaveis—Deus louvado!—ninguem se lembra da carestia da vida, nem da politica, nem tristeza de nenhuma especie, nem de maior especie de calamidade! O Carnaval nos dá, com uma alegria provisoria mas completa, o esquecimento de tudo. Somos, com elle, interinamente felizes, durante tres dias. Elle tem, por consequencia, uma grande, uma inestimavel importancia, no rythmo da vida brasileira. A sua influencia é generosa e salutar. E' o Carnaval que nos empresta, por tres dias, o optimismo, a tolerancia, a alegria que deviamos usar durante toda a nossa vida. Você acha o ridiculo? Mas, por que? Se ha alguma parcella de ridiculo no Carnaval é por um motivo simples, é porque o Carnaval nos obriga a ser sinceros. E não existe nada mais ridiculo, na face da terra, minha senhora, do que a sinceridade. Evidentemente ser sincero é ser ridiculo. E o que a minha amiga confunde com o nome improprio de «ridiculo carnavalesco» é apenas e bem simplesmente—«o ridiculo da sinceridade». Para não cahir nesse afflictivo ridiculo que tanto nos apavora, hoje que, já tendo passado o Carnaval, alem de doloroso, elle seria inopportuno, permitta que lhe beije as mãos respeitosamente — Jacyntho.

* * *

Convencionou-se celebrar este anno o Centenario do Romantismo. E' verdade que antes de 1830 já havia romanticos no mundo. Algumas obras de Vigny e de Dumas já agitavam Paris. Entretanto, a verdade é que, quando se fala em romantismo, todos nós instinctivamente pensamos na geração de 1830. E' que 1830 foi o anno typico do Romantismo. Foi o anno de ouro da juventude romantica: Lamartine é recebido na Academia e Musset é vaiado no Odeon: Balzac publica duas obras e Victor Hugo prepara «Notre Dame»; Stendhal dá-nos o «Rouge et Noire» e Michelet trabalha na sua «Introducção» á Historia Universal.

Todos aquelles luminosos espiritos, para os quaes os salões dourados de Mme. de Gay e de Mme. Ancelot eram uma linda moldura social,— Hugo e Sainte-Beuve, Balzac e Lamartine, Vigny e Delacroix, Gerard e Michelet, Stendhal e Barbier—amaram e foram felizes exactamente no anno triumphal e romantico de 1830.

Evocal-os hoje — um seculo depois — é reviver, no commovido milagre das suas obras, uma hora de espiritualidade e exaltação lyri-

co, nesta hora trepidante de utilitarismo material e grosseiro.

No ultimo Carnaval, aquelle «bal masqué» foi uma authentica feira.

Um puro encantamento. E elles dois, n'um recanto da sala illuminada, conversavam em surdina.

— Deslumbrante! Simplesmente tudo isto!

— Você acha?

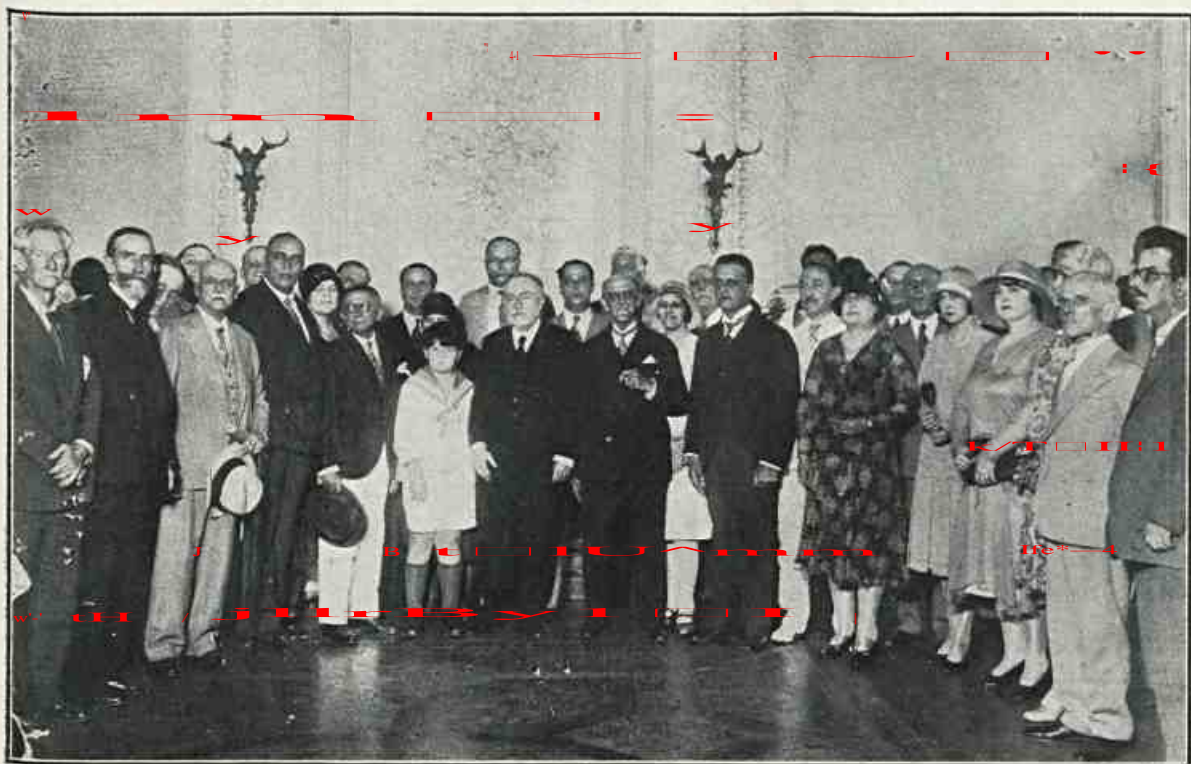
— Na sua companhia... como não achar? Estou encantado.

— Seus olhos estão muito amaveis hoje!...

— Não são os meus olhos: é a noite... é a vida... é você...

Quem os visse assim, teria a impressão que teve aquelle oriental de Pierre Nozires, ao retirar-se de um baile, em Paris...

PEREGRINO

CLUB DE ENGENHARIA

Commemoração do dia da Avenida.

A OBRIGATORIEDADE

As definições não podem deixar de variar no espaço e no tempo, de modo que a definição de obrigatoriedade que vou dar só pode ser applicada a um paiz que esteja situado na America do Sul, occupando-lhe a maior parte do territorio e seja atravessado pela linha equatorial e pelo tropico de Capricornio.

A definição é a seguinte: o meio de executar com rapidez e segurança as cousas inexequiveis.

Foi assim que, decretada a vacci-obrigatoria, toda gente, homens e mulheres, velhos e crianças, concorrem, de manga arregaçada, a offerecer o braço á penna dos vaccinadores.

Resolvido que nos tres primeiros bancos dos bondes não se fuma, pode-se offerecer um doce (crystalizado, finissimo) a quem encontrar um cavalheiro infringindo essa ordenação.

Agora ha um cidadão conspicuo querendo promover a obrigatoriedade da religião catholica. Vae ser uma cousa tremenda, porque não haverá igrejas que cheguem.

Ainda se hesita em decretar a instrucção obrigatoria, quando esse seria evidentemente o meio de promover uma corrida desenfreiada do povo em direcção ás escolas existentes e por existir.

Já houve um governador de Estado que certa vez mandou lavrar um decreto de abertura de credito. O secretario ponderou-lhe que era inutil, visto não existir dinheiro no thezouro. O governador ficou perplexo ante a obtusidade do secretario. Pois era possivel que, mandando elle governador, abrir um credito, o dinheiro não apparecesse logo?

Uma cousa que causa espanto é o carnaval ser animado como é, não sendo obrigatorio. Imaginem si fosse!

E si alguem se lembrasse de tornar obrigatorio que todos neste paiz tivessem juizo?

MICROM[illegible]S

AS CINZAS FRIAS

— Muié do Anestô fugiu! Elle fechou a casa e desappareceu tambem.
— Foi se suicidá?
— Não. Foi mêdo que ella se arrependesse e vortasse antes da Quarta-feira de Cinza.

BLOCK-NOTES

RECORDAÇÕES DA TERRA VERDE

Publicando recentemente o meu livro «Pussanga», em que fixei, com integral honestidade, alguns episodios e algumas paizagens da Amazonia, eu confesso que tive surprezas desconcertantes.

Uma d'ellas foi ver exgotar-se, dentro de um mez, a primeira edição do livro. Porque eu, com franqueza, não acreditava em successos de livraria, no Brasil... Considerava o successo de livraria uma coisa vagamente mythologica. Entretanto, a primeira edição da «Pussanga» vendeu-se, no Rio, em 30 dias e a segunda está quasi exgottada. Attribuo isso á «chance» que o livro teve, conquistando, logo de sahida, meia duzia de criticas suaves. Depois o assumpto da «Pussanga» não deixava de ser curioso. Em todo caso, palavra de honra: tive uma grande surpreza.

Outra coisa que me surprehendeu tambem: o me haver emprestado a publicação desse livro uma inesperada situação de «consultor-technico» sobre coisas da Amazonia. Desta vez, aliás, tive surpreza e desapontamento. Porque não ha nada mais incommodo nem mais precario do que ser uma pessoa, sem mais nem quê, guindada á categoria de «autoridade» em determinado assumpto. E foi esse desastre o que me succedeu com a publicação da «Pussanga».

* * *

Desde que appareceu o meu livro tenho recebido verbalmente e por meio de cartas as mais complicadas, as mais vexatorias e as mais graves consultas a respeito da vida, dos costumes, das lendas e das paizagens da Amazonia. Até do Uruguay e da Argentina já me chegaram — Deus do céo! consultas sobre o assumpto. E estou certo de que se fosse responder, pelo mundo, a todas essas perguntas, eu acabaria escrevendo um novo livro, o que talvez havia de inquietar os leitores e os criticos destes Brasis...

* * *

Uma carta, porém, entre as innumeraveis que me vieram ás mãos a proposito da Amazonia, se me affigurou digna de resposta. Era um questionario incisivo e interessante sobre a vida e os costumes nos seringaes do Xingú. Assignava-a um vago pseudonymo: «Curioso». Mas as perguntas, denunciando um espirito arguto e estudioso, pareceram-me dignas de alguns esclarecimentos. Dahi as notas que vou publicar, satisfazendo, na medida das minhas possibilidades, á curiosidade desse leitor intelligente, que deve ser dado a pesquisas de folk-lore e linguagem.

* * *

Linguagem: — E' rica e pittoresca. Algumas expressões usuaes nos seringaes do Alto Xingú são positivamente deliciosas. Por exemplo: os barqueiros do Xingú, — homens rijos e solidos, em cujos braços as lutas das travessias asperas puzeram musculos de aço, após o almoço a bordo da canoa de 22 ou 24 tripulantes, immediatamente saltam dentro d'agua, «com roupa e tudo», gritando com alvoroçada alegria:

— Eh! cabraiada, vamo banhá! Barqueiro comeu, não banhou, — morreu!

Quando acaso se approxima uma chuvada, ao cahirem os primeiros pingos, elles gritam, com uma forte voz cheia de virilidade, que reflecte o seu innato destemor e brio, como quem desafia as proprias forças da Natureza:

— «Mandai! mandai! Mãe de Deus! bem grossa e aturada, para mim e mais vinte camaradas: »

Nas proximidades das «corredeiras», dos «rapidos», das «cachoeiras», os barqueiros habitualmente se preparam para lutar com as aguas, que têm de vencer e subjugar, no seu barco agil, á força de coragem, de calma e de habilidade. E' um momento grave, em que todos, dentro da canoa, fazem uma especie de exame de consciencia, consultando as suas proprias forças. O piloto, no bailéo da pôpa, grita, sapateia com furia, passando em revista todos os barqueiros nas suas posições e berra com voz potente de encitamento e mando.

— «Ei! cabraiada! arrasta p'ra lá! arrasta p'ra lá! »

E os outros todos, a uma voz, respondem em côro, n'uma gritaria de possessos, o typico:

— «Arrasta p'ra lá! arrasta p'ra lá!

Alguns termos usuaes: «mariscar», que tanto significa pescar como caçar. «Fazer um marisco» é o mesmo que «fazer uma pescaria» ou uma «caçada». Quando se trata, porém, de caçada, elles usam dizer de modo explicativo: «marisco no secco». «Mariscar n'agua» equivale a pescar.

* * *

Costumes — São evidentemente muito curiosos os costumes peculiares do Alto Xingú. Alem de trabalharem no côrte da borracha, os habitantes do Xingú se entregam a duas occupações sérias: a caça e a pesca. Pesca-se alli de varios modos: com linha longa, com caniço, tarrafa, arpão e pindá. Do caniço nada preciso dizer: é e mesma arma de pesca de toda parte. O «pindá», esse sim, é singular e interessante: é um conjunto de 3 anzoes ligados entre si, com as pontas voltadas em direcções differentes e disfarçadas com tiras de pano escarlate. Esses anzóes assim preparados são ligados, não a um simples caniço, mas a uma haste solida e resistente, por forte linha de pescar, porque o peixe a cuja captura elle se destina — o tucunaré, é muito sagaz, arisco e possante, apesar de pequeno.

* * *

Para «mariscar no secco», a arma usual na região é o «rifle» — carabina «Winchester». O animal mais procurado e um dos mais apreciados dos caçadores de Xingú é a anta. Alem de ter uma carne de agradavel sabor, a anta dá um grande rendimento em peso, attingindo ás vezes até 100 kilos! Quem mata uma anta tem provisão na certa para meia duzia de dias. E' encontrada geralmente na matta commum; mas por occasião do inverno, quando os rios transbordam, alargando florestas e paranás, a anta se embrenha nas mais longinquas mattas virgens, procurando os logares altos e cerrados.

* * *

Ahi ficam, por hoje, esses apontamentos. E só esses. Depois, quando dispuzermos de tempo e espaço — o que talvez succeda breve — daremos mais algumas informações curiosas sobre a vida que vivem, nas brenhas pantanosas do Alto Xingú, canoeiros e seringueiros. Desde logo posso declarar, porém, que ha ainda muita coisa interessante e inedita para contar.

O nosso «dossier» é muito rico e a nossa memoria optima.

PEREGRINO JUNIOR

— Você está abatido, Gregorio? Você abandonou a politica e o P. R. P., a C. C.?
— São coisas! Não abandonei o P. R. P. nem a C. C.! Foi o B. B. que me deixou na mão...

TROVAS

Para que os máus pensamentos
Te não andem tanto, ao léo,
Trago-te aqui uma tampa:
Um carissimo chapeu.

Do repertorio financista:

— O relatorio de Lord Albernon contém 25.000 palavras. Deve ser succulento, não acha?

— Pelo menos é shakespeariano Words! Words! Words!

TROVAS

Que as cousas guardem seu nome
E' bem mistér que se rogue,
Revertendo o cock-tail
Ao velho nome de grog.

LARGO DO MACHADO

Instantaneo

VENENO DE EVA

— Que máu gosto o da Rozenda ir a um casamento de vestido côr de chocolate!

— Muito acertado, porque o chocolate realça o café com leite.

. ˙ .

— O automovel da Ormezinda de que marca é?

— Não sei bem. O unico que ella não deve usar é o Fiat. Nella não ha que fiar...

ooo

Do repertorio aeronautico:

— Você já experimentou a sensação de viajar em avião?

— Indirectamente, já.

— Como indirectamente?

— Tenho remettido muita correspondencia por via aérea.

TROVAS

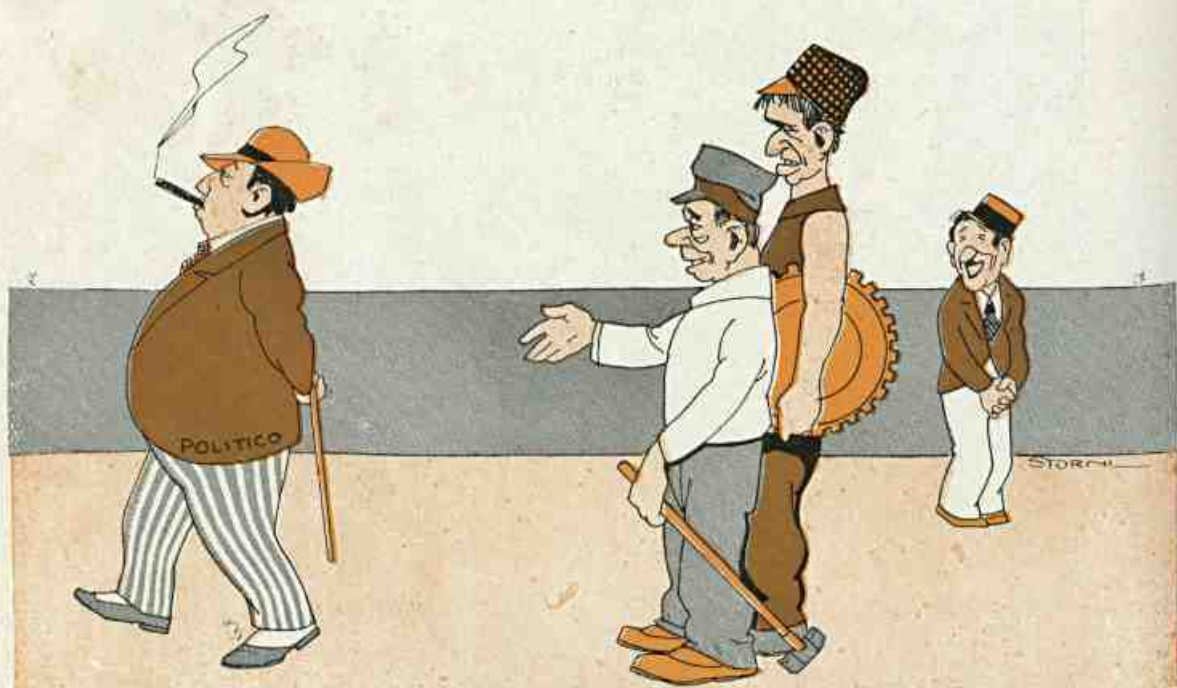
Como a fé visivelmente
No peito humano desmedra,
No porvir creio que os frades
Hão de ser todos de pedra.

. ˙ .

Perscrutando este mysterio
Temo da metade dar cabo:
Por que se chama rabbino
Um homem que não tem rabo?

CLUB R. BOTAFOGO

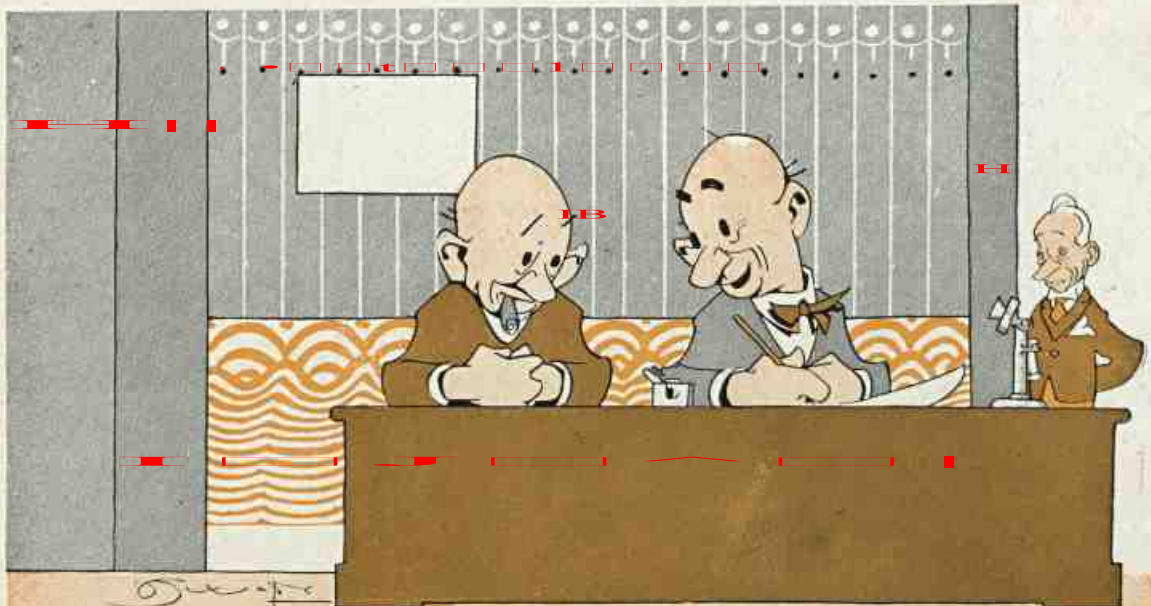
Baile infantil de 2ª feira gorda.

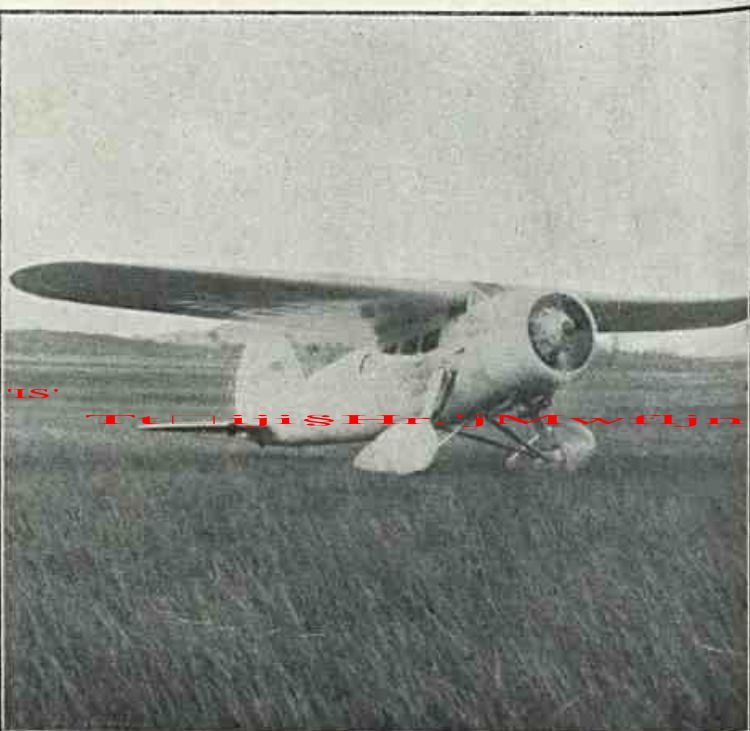
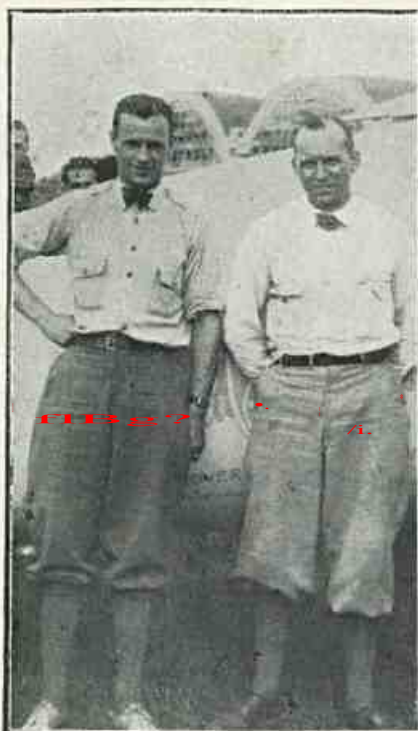
DEPOIS DA ELEIÇÃO

Os ELEITORES — Dr ; aqui estamos. Queremos saber das promessas...
O DEPUTADO ELEITO — Agora não os posso attender. Voltem para a semana.
O POVO — São os eternos ludibriados, todos os quatriennios compram o mesmo bonde.

C. R. FLAMENGO

Matinée infantil de 2ª feira gorda.

COUNTRY CLUB

Baile infantil de 2ª feira gorda.

— Agora estou tomando o remedio que o sr. receitou para minha filha.
— Qual, a mais velha? Que molestia era a della?
— Febre puerperal.

NO CAMPO DOS AFFONSOS

I — Os aviadores Witte e Mc Mullen. II — O avião que veiu de New York ao Rio em 52 horas e 15 minutos, batendo o record de velocidade.

A alma da cinza...

Cinzas... Pó de carvão... Poeira de estrada... Um homem sem dinheiro com a alma cheia de nevoas...

◻ ◻ ◻

A cinza é uma fórma impalpavel, quase... Tem a elegancia pulverulenta das mulheres magras. Uma dama gorda e sem espirito não dá cinzas: dá gordura...

◻ ◻ ◻

A cinza é a poesia da Materia. E' a Materia transubstanciada pelo fogo, purificada pelo calor. A cinza não tem microbios... Já é uma vantagem, a mais, sobre as mulheres...

◻ ◻ ◻

Ha mulheres de temperamento tão agitado e infiel que, mesmo queimadas, reduzidas a cinzas e postas numa caixa, ainda não socegam... E' só abrir a caixa e ellas vôarem... com o primeiro vento malandro que passar...

◻ ◻ ◻

Ha dias cinzentos, pulverisados de tristeza, em que a gente experimenta uma grande vontade de ser cinza de charuto...

◻ ◻ ◻

O homem é pó — diz a Igreja, e se ella o diz é porque o sabe. Mas, se o homem é pó, que ha de ser a mulher senão poeira? A poeira é um pó maluco...

◻ ◻ ◻

Ha, sempre, uma quarta feira de cinzas depois da embriaguez carnavalesca dos sentidos... (phrase bonita que faria successo ha 50 annos atraz se o autor, naquella epoca, não fosse uma hypothese vital boiando no oceano do *não ser...*)

◻ ◻ ◻

Na Vida, mais vale ter um guarda-pó do que uma idéa... As mulheres detestam os homens que têm idéias...

◻ ◻ ◻

O pó é a ultima phase da materia. O homem que se mata affirma, com eloquencia, que é um cavalheiro essencialmente extremado nas suas opiniões...

◻ ◻ ◻

Se a materia de que é feita a humanidade fosse volatil, como seria perigoso andar, na rua, com uma mulher leviana!...

◻ ◻ ◻

O osso é um elemento de resistencia. O osso é o ultimo que se reduz a cinzas e o ultimo que se fractura, em caso de choque. E só vem á luz do dia em caso de calamidade extrema...

◻ ◻ ◻

Que rezultaria de uma mulher bonita reduzida a cinzas? Apenas isto: Fosforo, 0,000000001 o/o; calcio, 2 o/o; magnesia 0,05 o/o; ferro, 1 o/o; manganez, 0,008 o/o; ouro... ...

0,001 o/o; (se não tiver alguns dentes postiços, desse metal); silicio 0,0003 o/o; substancias organicas carbonisadas 90 o/o; materias vagas ou imprevistas 5 o/o.

□ □ □

Toda a substancia fosforica existente no cerebro de uma mulher não daria fosforo bastante para accender um cigarro...

□ □ □

«Dize me com quem anda a tua mulher e dir-te-ia o que ella dá, reduzida a cinzas» axioma chimico-psychologico de um homem que incinerou a sua legitima esposa depois de ter verificado que ella não era nem «sua» nem «legitima»...

□ □ □

O fumo bom só se conhece depois que vai ao fogo. A mulher tambem.

□ □ □

A chamma, são os braços do fogo Antes de devorar qualquer cousa o fogo abraça-o...

□ □ □

Eu daria a metade da vida para ver certas mulheres, que conheço abraçadas pelo fogo. Desejava saber como ellas se comportariam...

□ □ □

Um homem honesto, mesmo desfeito em cinzas, conserva o seu pudor. Que supplicio, por exemplo, para a cinza de um grammatico austero misturar-se, á força, com a cinza leve de uma bailarina!

□ □ □

Quando, no fim dos dias do mundo, todas as cinzas se misturarem, quantos gritos sairão, de subito, dos cinzeiros universais! Ha tanta cinza atrevida neste mundo...

□ □ □

A cinza dos maridos é uma cinza eminentemente triste. Está sempre pensando no que estarão fazendo neste mundo as suas viuvas...

□ □ □

A saudade é um amor que se cinza... Por isso é que a saudade tem o dom de esfriar a alma da gente...

□ □ □

Se não fosse a cinza, que seria do fogo? Teria que arder sempre... Uma estupidez e uma falta caridade...

□ □ □

O pó dentifricio é o unico de que certas pessoas conhecem a utilidade... Essas pessoas precisam de sentir nos dentes, a realidade intima das cousas...

□ □ □

O «pó dos caminhos» é um pó como outro qualquer, apenas com fumaças de literatura. E' um pó rhetorico, hoje fora da moda.

□ □ □

O rio Pó... E' o unico pó liquido que se conhece. E' um paradoxo geographico typico...

□ □ □

Pó... Resto anonymo das cousas, Terra, resto anonymo dos mundos..

□ □ □

O rapé é um pó inspirador: pelo menos só se pode tomal-o, inspirador...

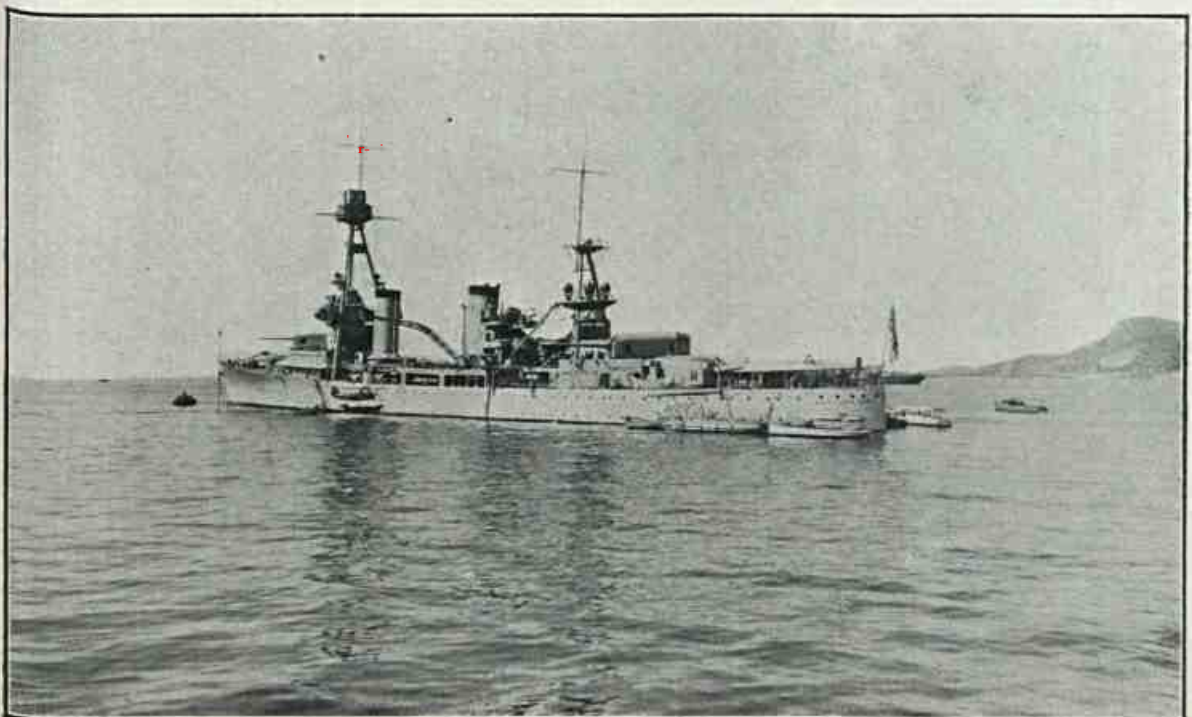
□ □ □

Coitado do pó de arroz! Tem que andar collado á face das mulheres. E deixar-se beijar no cinema! E' a desvantagem de ser pó elegante, no mundo...

□ □ □

Se o pó de arroz falasse... Que morticinio na cidade!...

BERILO NEVES

VISITAS NAVAES

O Cruzador Americano «Salt Lake City», no ancoradouro.

AH! PAIZ PERDIDO

— Como é que o raio do paiz ha de progredir desta maneira?! Puzeram o presidente do «Club Carnavalesco Morena Tira a Mão d'Ahi» como mesario! Lá no Club, está tudo, ainda por se fazer!!!...

Do repertorio ferroviario:

— Você, nas suas viagens, já teve algum descarrilamento?

— O unico foi o de minha mulher, que entrou num desvio amoroso e tomou outra locomotiva.

* * * A insufficiencia aortica foi estudada e descripta por Corrigam, em 1832.

BOTAFOGO F. CLUB

Matinée infantil.

ENTRE DUAS PATRIAS

Um poste pintado de verde e amarello, com uma placa onde se lê BRASIL; a alguns centimetros de distancia outro poste, pintado de azul e branco, onde se lê URUGUAY; no primeiro, uma flecha que aponta para cá; no segundo uma flecha que aponta para lá. Ahi se encontram as duas patrias. Do lado de cá é Sant'Anna do livramento, no extremo sul do Brasil: do lado de lá é Rivera, no extremo norte do Uruguay.

A linha segue do poste azul e branco alguns metros para o sul; depois dobra-se em angulo recto e segue para oeste, pelo eixo de uma rua, e onde o passeio do norte é brasileiro e o do sul é uruguayo.

Como as aguas de dous rios que confluem, nas duas cidades limitrophes tudo se mistura: o povo, a lingua, os costumes e até mesmo o dinheiro, Na architetura dos predios, no traçado das ruas, em tudo ha pontos de contacto.

Ha, tanto lá como cá, uma bella arborisação de platanos, acacias e cinamomos, em cuja copa se abrigam ruidosos pardaes.

Na rua fronteiriça, olhando-se para oeste, vê-se sobre uma colina um marco; como esse ha um rosario de marcos, que nem passeio de automovel pelo campo se encontram.

Só os preocupados, ou os que olharem os letreiros perceberão a passagem de um paiz para o outro: a terra, que é a patria de todos os homens, não apresenta alteração, são os homens que a queriam alterar á sua feição e por isso levara o arbitrio até desrespeitar o tempo, que é indefinivel e intangivel.

E' assim que, transpondo a fronteira, entre os relogios de cá e de lá se nota uma differença de meia hora.

Mas os homens passam e o Tempo fica.

MICROMEGAS

O DIABO

Por BERILO NEVES

Eram, decerto, duas horas da manhã quando resolvi deixar a Avenida para ir a um baile de mascaras cumprir a segunda parte do meu programma para aquella noite de Carnaval. Tinha feito o corso das 8 ás 11 horas e, á meia noite, reunido a um grupo de amigos divertia-me a bisnagar as moçoilas que passavam á altura do Club de Engenharia, muito vistosas nas suas fantasias de varia especie, quase todas de saias tufadas, cabeleira alta e o pescoço cheio de contas de vidro. Havia algumas que tinham, nos braços, mais pulseiras do que qualquer selvagem da Hottentocia e agitavam aquelle montão de vidros e de metais baratos quando faziam qualquer gesto com os braços. Outras, mais modestas, apenas tinham enfeitado os cabelos, e traziam muito carmim no rosto, numa orgia tremenda de vermelho... Muitas traziam lança-perfumes mas a maioria contentava-se com um pequeno saco de confetti ou com uma especie de espanador de papel com que «espanavam» a cara dos rapazes que lhes diziam graçolas ou deitavam lança-perfume.

Afinal fatiguei-me de brincar com as moças. A madrugada ia avançando e tornando cada vez mais deserta a Avenida. Os carros tinham sido retirados da circulação.

A immensa via publica, muito illuminada, offerecia, áquella hora, um aspecto triste de abandono e de desanimo. As familias que, dos mais longiquos bairros, tinham vindo assistir ao corso e á batalha de confetti, haviam se retirado, já, calmamente, para as suas casas. Um ou outro grupo estacionava na Galeria Cruzeiro ou á esquina da rua 7 de Setembro, á espera do bonde Vim descendo, por isso, a Avenida, ainda com um lança-perfume em cada mão. Notando que um delles estava quase de todo vasio atirei-o ao solo e elle estourou com violencia, desfazendo-se em mil fragmentos de vidro e enchendo o ar, de subito, de um vivo perfume de ether. Ao chegar defronte do obelisco que arremata a Avenida vi, para os lados da Beira Mar, alguns automoveis retardarios, cheios de foliões. Restos de cantigas carnavalescas chegaram, indistinctamente aos meus ouvidos:

«Essa mulher ha muito tempo me [provoca
Dá nella!
Dá nella!...»

E o estribilho continuava na mesma toada monotona. Fiquei a olhar os carros de onde se levantavam braços tremulos dizendo «adeus» a quem passava... E as vozes finas repetiam, numa convicção forte:

«Dá nella!
Dá nella!...»

Toda gente estava cantando aquillo, pensei, lembrando-me do contagio rapido das canções de Carnaval. E ia tomar o caminho do Beira Mar Casino quando ouvi, do lado opposto da Avenida, um «psiu» insistente. Olhei. Era um mascarado que fazia grandes gestos para mim como se fosse a um conhecido. Dirigi-me, machinalmente, para lá. Devia ser um camarada. Não era. Era um admiravel Diabo, muito bem arranjado nos seus calções de seda carmezim com um sapato de entrada baixa, como o dos eclasiasticos. As meias, muito finas, faziam o contorno preciso das pernas — umas pernas robustas e bem torneadas, que logo me fizeram inveja... A fivela de prata dos sapatos reluzia á luz dos focos electricos. Traçava a capa com superior elegancia e tinha um bigode negro, amplo, que estava toda a hora a retorcer, com vaidade.

— Boa noite, meu amigo — trovejou elle, com uma voz roufenha em que senti um cheiro forte de bebidas alcoolicas. Então divertiu-se muito?

Encarei-o, ainda indeciso sobre o modo de tratal-o. Elle percebeu a minha hesitação e poz-me a mão direita no hombro, com agrado:

— Bella fantasia a sua! Caçador de borboletas, de Napoles, não é? Eu tambem entendo disso o meu bocadito! Oh! se entendo!... se entendo!

— Quem é você, afinal? — perguntei-lhe francamente.

Elle riu-se muito, torcendo as pontas do bigode, com alegria.

— Então, você, homem, que tem escripto tanto sobre mim, não me conhece? Não terei, acaso, o direito de ser Diabo, tambem na terra?

E estendeu-me os braços, numa grande effusão d'alma:

— Venham de lá esses ossos, homem, venham de lá esses ossos! Emfim o Diabo tambem pode ter amigos, ora essa!

Abraçou-me vivamente. Não o repeli e notei que as suas pernas eram, agora, mais solidas, mais firmes no terreno. Disse-lhe que ia a um baile, no Beira Mar Casino. Era alli, a dois passos. Se o sr. Diabo queria ir...

— Vamos lá a essa bella festa! Porque não, amigo? (Baixou de repente a voz, numa confidencia) Boas mulheres, hein, boas mulheres?

— Optimas, sr. Diabo. Aqui, da pontinha!

E belisquei com o dedo a ponta da orelha esquerda. O Diabo encheu o olho, regalado. E' o que serve, amigo, é o que serve!» E, logo, numa preoccupação, que o fez parar:

— E como me tratarão, ellas, as damas, hein? São muito inimigas do Diabo?

Chegou a minha vez de rir

— Qual, senhor, qual inimigas nem meio inimigas! O Diabo afinal é um homem, e os homens andam vasqueiros, agora. Sobretudo para casar!

— E V. pensa que eu quero casar? Está maluco, amigo! Não está vendo logo?...

— Bom, sei disso. Mas não é preciso que ellas o saibam, por que, em farejando marido, fazem tudo para o pilhar...

O Diabo piscou-me um olho, com intelligencia. Chegámos á porta do Casino. Filas enormes de automoveis parados mostravam que a frequencia, naquella noite devia ser grande. E era, de facto. No salão do andar superior, para onde nos dirigimos, quase não se podia andar, de tanta gente. Milhares de foliões pulavam, dansavam, bebiam, namoravam e faziam outras cousas peores, em meio de uma algazarra infernal em que ao rumor da orchestra se misturava o tinir dos copos, o esteirar das *Champagnes*, o vozear dos pares, o cantar das canções carnavalescas, emfim, mil e um ruidos ao mesmo tempo. Quando entrámos a orchestra atacava, com furor, a «Pavuna» marcha carnavalesca que os pares acompanhavam, já roucos, muito excitados, com o estribilho convencional:

«Na Pavuna,
Na Pavuna...»

E o tan tan dos passos era rythmado, de ensurdecer um christão. O Diabo, que se encostara a uma

das columnas do salão, olhava tudo, assombrado, com os olhos muito abertos. Parecia sorver, com as narinas muito abertas, o confuso perfume de carne e de essencias caras, de ether e de suor, de bafo morno e de mulher bonita que vinha do immenso salão, crescendo, crescendo para o seu nariz de aguia e de avarento...

— Como essa gente se diverte! — disse elle, recostando-se longuidamente á columna, como se tudo aquillo o embebedasse mais, o fizesse mais triste. No inferno não é assim, infelizmente...

— Mas não ha mulheres por lá?

— Ha, e boas, mas o que não ha é Carnaval assim... Nem a «Pavuna»... Nem lança-perfume... Aquillo é uma choldra comparado com isso... Vou dansar!

E endireitou-se todo, de subito.

— Espera! Vou annunciar-te.

E antes que elle pudesse deter-me bati palmas para chamar a attenção, e berrei, com toda a força dos pulmões:

— Ora viva, que aqui está o sr. Diabo em pessôa! Venham ver, senhores e senhoras!

Todos os olhares se dirigiram para mim e a musica parou a um signal do regente. Os pares, um momento separados, começaram a agglomerar-se perto de nós. Fiz o Diabo trepar a uma mesa, que oscilou, fazendo tremerem as taças, cheias de restos de *Champagne*.

— Cheguem-se, cheguem-se! Não é *blague*! E' o Diabo em pessoa que encontrei, meio bebado, na Avenida! Cousa nunca vista, cousa nunca vista!

Começaram a examinar o Diabo e a dizer dichotes de toda especie. Elle, muito enfiado, em cima da mesa, a principio torcia o bigode com importancia mas, agora, vendo que o pessoal não se emocionava, ia ficando cada vez mais nervoso...

— Mas é um homem como outro qualquer! disse uma morena, mascarada, que rescendia fortemente a «Nuit de Noel». Até tem as pernas tortas! Se o diabo é isso!...

— E que unhas, Nossa Senhora, que unhas grandes! Esse homem não tem manicura?...

— Olha os pés delle, mulher! Parece que só anda a pé, esse desgraçado!...

O Diabo deu um pulo, inesperadamente, de cima da mesa. Apanhei-o nos braços, por milagre. Elle estava muito nervoso, excitado, com os labios tremulos de raiva:

— Essa canalha não me tem respeito nenhum! Pensam que é pilheria! Pois bem: vou, já, «estourar» aqui!

— Não faça isso, amigo! Para que? Não adianta. E' só para encher de enxofre o salão. O melhor é V. cair na dansa, juntar umas mulheres numa mesa e pagar *Champagne*. Divirta-se, «seu» Belzebuth! Para que brigas?

Elle pareceu reflectir um momento. Fui attender a um amigo que me chamava do outro lado do salão. Distrai-me num grupo de saloias e aragonezas, contando o encontro com o Diabo. Quando, dahi a meia hora, voltei, já Diabo estava installado numa mesa, com 3 mulheres e 3 garrafas de *Champagne*. E uma dellas fazia-lhe cocegas no pescoço sorvendo a *Champagne* lentamente, aos goles, e dando gritinhos nervosos.

— Então, como vai isso? — perguntei lhe.

Elle mostrou-me uma cadeira e disse, regalado:

— Boa vida, amigo, boa vida! Nada como as mulheres para alegrar a gente!

E começou a cantar, quase de todo bebado:

«Na Pavuna,
Na Pavuna,
Tem um samba que só dá gente
reúna!...»

E a sua voz misturou-se, sem esforço, ao immenso rumor de vozes que enchia o Casino, naquella noite de farra elegante do Carnaval...

BERILO NEVES

ASS. DOS E. DO COMMERCIO

O Baile commemorativo ao meio Centenario.

Consultorio Medico

T. Lobo (Piranguinho).—E' extraordinario que o senhor soffra dessa doença! Como é que ella poude achar o caminho de um logar tão pouco conhecido? tome chá de herva tostão, que ahi deve sahir a menos de vintem a chicara.

ooo

Leonarda P. (Santa Iphigenia)— Ahi onde V. Ex. reside ha falta d'agua? Não poderei receitar-lhe nada antes de verificar o effeito da applicação externa desse liquido, de preferencia acompanhado de sabão.

ooo

John Kent (Ceará). Não estou muito habituado a tratar de subditos britannicos. Tenho, entretanto, a impressão de que toda doença de inglez se trata com sal de fructas. Isso em parte deve ser do calor do Ceará, onde o senhor deve dar-se bem, por ser inglez e por se chamar Kent.

ooo

Apaparassú (Rio Dourado). — O senhor é mesmo indigena ou isso é pseudonymo? Nada tenho a censurar á sua preferencia pela medicação vegetal. Os grandes herbivoros, como sabe são animaes possantes e sadios e sabem medicar-se com hervas. O exemplo que o amigo segue é excellente.

ooo

Rival desprezada (Rio)—Não faça isso, pelo amor de Deus! O vitriolo é o acido sulfurico, corpo cujo poder corrosivo é terrivel. E' uma arma covarde, propria dos romances de capa e espada e dos melodramas.

Hoje o acido sulfurico é empregado nos accumaldores electricos. Accumule tambem V. Ex. as suas dores.

ooo

Zeferino (S. Domingos). Desgosto de ser careca? Ora! O numero carecas é assombroso, e mal de muitos... O remedio mais pratico que lhe posso aconselhar é o seguinte: ande o mais que puder embarcado, afim de ter pretexto para usar gorro.

DR. H. LOPES

Do repertorio meteorologico:

— O vento tem-se tornado uma cousa perfeitamente inutil.

— Não sei porque.

— Ora! Porque as mulheres já andam com as pernas inteiramente á mostra.

FELICIDADE

Muita gente neste mundo anda correndo atraz da felicidade como o homem distrahido á procura do chapéu que tinha todo o tempo na cabeça ou na mão.

* * * O logar mais ventoso do mundo, segundo as ultimas observações, cabe a uma pequena bahia de Commonwealth.

De accordo com as pesquisas de sir Douglas Mawson, realizadas nessa bahia, ha mais de dez annos, mas só agora divulgadas, sabe-se, com effeito, que durante 22 mezes em que alli esteve montada uma estação meteorologica, a velocidade do vento foi de uma média de 44 milhas por hora, o que se pode considerar tempestade.

As velocidades de ventos, de 90 a 100 milhas, não foram alli infrequentes.

Só em rarissimas vezes, diz o explorador, deixou de ventar naquelle local, mas podia-se perfeitamente, nessas occasiões ouvir se que as tempestades rugiam por perto.

Durante as grandes ventanias quem se atrever a sahir de casa terá que fazel-o de rosto no chão

LENDA JAPONEZA

Perto da aldeia de Kurosaka, na provincia de Koki, ha uma queda d'agua chamada Yurei Daki ou cascata dos espiritos. Ao pé dessa cachoeira existe pequeno santuario Shinto consagrado á divindade local, que o povo denomina Taki-Daimyojin e em frente ao altar se vê uma caixa de pequenas dimensões para receber as offerendas dos fieis. A respeito dessa caixa contam a seguinte historia:

«Ha trinta e cinco annos, numa noite glacial de inverno, as mulheres e raparigas empregadas como operarias numa Asa-Toriba ou fiação de canhamo de Kurosaka reuniram-se ao acabar a tarefa, em torno do grande brazeiro da fabrica. Divertiram-se contando historias de almas do outro mundo. Já tinham ouvido mais ou menos uma duzia e a maioria dellas começava a sentir se mal, quando uma das mais moças, sem duvida para avivar melhor o prazer do medo, exclamou:

— O', que idéa! Ir agora de noite sozinha até o Yurei Daki!

Houve um crito geral de terror e todas riram nervosamente...

— Daria áquella que fosse, todo o canhamo que fiei hoje, disse uma operaria com ironia.

— Eu, tambem, acudiu outra.

— E eu tambem, accrescentou uma terceira.

— Todas o dariamos, exclamou uma quarta.

A essa palavra, Yasumoto O-Katsú levantou-se entre as fiandeiras. Era mulher dum carpinteiro e trazia ás costas o filho unico, um menino de dois annos, que dormia, cuidadosamente enrolado em pannos.

— Escute-me, disse O Katsú. Se em verdade todas se compromettem a dar me o canhamo que fiaram hoje, irei ao Yurei-Daki.

A proposta foi acolhida com gritos de espanto e desafio. Entretanto, como a repetiu varias vezes, tomaram-n'a ao serio. Cada fiandeira prometteu entregar a O-Katsú sua parte do trabalho diario, se ella fosse ao Yurei-Daki.

— Mas como saberemos realmente que ella esteve lá? perguntou uma voz mordente.

— Que ella traga a caixa das offerendas; será prova sufficiente respondeu uma velha que todas appellidavam Obaa-San, a avó.

— Eu a trarei, affirmou O-Katsú e saiu pela rua, com o pequenino adormecido ás costas.

A noite era glacial, mas clara. Ella descia apressadamente a ladeira deserta, vendo as casas hermeticamente fechadas por causa do frio excessivo. Saiu da aldeia e correu pela estrada larga... Envolveu-a o vasto silencio dos arrozaes, gelados, e só a luz das estrellas a illuminava. Durante meia hora surgiu pela estrada livre; depois, enfiou por um caminho estreito que ondulava entre collinas. Quanto mais avançava, mais era estreito e aspero: porém conhecia-o perfeitamente e dentro em pouco ouviu o surdo rumôr da agua. Alguns minutos mais e a vereda se abriu numa clareira. O surdo ruido tornou-se barulho ensurdecedor e deante della se esboçou vagamente no fundo opaco das trevas o brilho tremulo da cachoeira. Confusamente, avistou o santuario e a caixa das offerendas. Adiantou-se e estendeu a mão.

— O'! O-Katsú-San! bradou uma voz imperiosa dominando o estrondo das aguas despenhadas.

Ella ficou immovel, assombrada, estupefacta.

— O'! O-Katsú-San! repetiu a voz, mais ameaçadora ainda.

O-Katsú era effectivamente uma mulher de muita audacia. Dominando o terror, apoderou-se vivamente da caixa e fugiu.

Não viu nem ouviu nada de alarmante até attigir a estrada larga. Lá parou um instante, a tomar folego. Depois, partiu com passo firme até Kurosaka, onde bateu logo na porta da Asa-Toriba.

*** Os arabes do Yemen usam uma planta, chamada CELASTRO comendo as folhas como excitantes, sob o nome da CAT. Comem tambem os fructos cujo gosto é um pouco acido; preparam ainda uma bebida que embriaga e, pela destillação, um licôr muito alcoolico.

Ha varias especies de CELASTRO, todas com flores brancas, ás quaes succedem fructos grandes de um vermelho vivo.

Entre os Arabes, o CAT. é estimado como café.

*** Meio kilo de cortiça basta para conservar um homem fluctuando.

UMA DIGESTÃO SEM DÔR

Se a sua disgestão não se faz facilmente, se V.S. tem dôres estomacaes depois das suas refeições, tome Magnesia Bisurada. Os males de estomago devem muitas vezes a sua origem a um excesso de acidez, e, para se ter uma digestão normal e sem dôr, é necessario combater-se este estado de hyperacidez. Um sal alcalino como a Magnesia Bisurada está perfeitamente indicado, pois que não sómente neutralisa elle o excesso de acidez, como protege as membranas mucosas delicadas do estomago contra a acção irritante do succo gastrico hyperacido. A Magnesia Bisurada que se acha em todas as pharmacias é soberano para supprimir as eructações acidas, as azedias, a flatulencias, os pesadumes e as indigestões sob todas as suas formas.

Sua cutis se ha emmurchecido?

Ha mulheres que pensam que sómente aos dezesete annos é que podem exhibir uma cutis perfeita. Estão equivocadas. Muito tempo depois dos quarenta, toda a dama póde ostentar, se o quizer, uma cutis tão formosa como a de uma jovem de vinte annos. O que occorre é que á medida que passam os annos a cuticula envelhecida exterior vae cada vez mais se adherindo á pelle: é preciso fazel a cahir d'ahi. Isto se logra facilmente applicando á cutis, todas as noites, CERA MERCOLIZED. Esta substancia se encontra em toda pharmacia. Não deve ser olvidado que toda mulher possue debaixo da sua envelhecida cutis uma nova e formosa, que está a espera de ser trazida á superficie. E nisto consiste o segredo do "porque" nunca envelhecem as actrizes e "estrellas" do cinema. Por que não faz tambem a prova?

*** Os cysnes morrem victima do progresso. Antigamente, sua presença dava um encanto cheio de graça e de brancura aos pequenos portos da embarcadura do Sena, em França. Porém, as companhias de navegação começaram a usar motores de petroleo. Os meios de embarque desse combustivel sendo muito summario a agua cobre-se com o oleoso liquido. Os bellos cysnes não supportam o desgosto de ver suas brancas pennas sujas com hulha e morrem um a um.

*** O martello mais pesado que se conhe, acha-se em uso nas officinas de Krupp e pesa 150 toneladas.

* * * Na França o consumo de peixe alcança somente 200.000 toneladas emquanto que de carne se consomem 2.000.000; na Ingraterra o peixe consumido chega ao total de 2.200.000 toneladas.

Tendo-se em conta o nucleo de população de Londres veremos que na capital da Republica Franceza são consumidos cinco kilos de peixe, contra 70 de carne emquanto que no Reino Unido sobem a 125 e a 130, respectivamente.

Se isso acontece nas maiores cidades das duas nações devemos imaginar que a mesma cousa occorre nas demais cidades dos dois paizes.

Na Inglaterra são consumidos 30 kilos de peixe contra 47 de carne, emquanto que na França, para egual quantidade de carne, consomem apenas 500 grammas de peixes...

---

* * * Para limpar photographias, basta passar sobre ellas um fino pedaço de cambraia, molhada primeiro em agua morna com umas gottas de amoniaco, e depois em agua pura. Enxugue-se depois.

---

* * * Dizem os negros da India que têm os dentes brancos, porque mastigam constantemente canna de assucar.

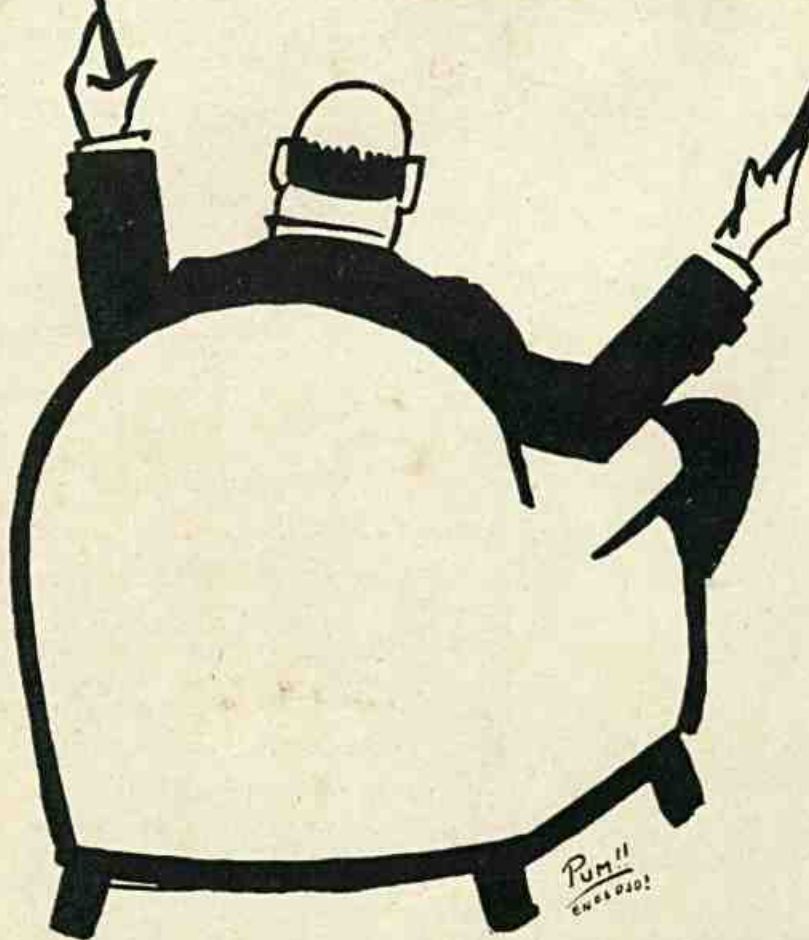
* * * O elephante alcança edade increditavel. Ha alguns exemplares, que vivem cerca de quatrocentos annos.

Conta a Historia que um d'esses animaes, pertencente ao exercito do Poro, rei da Italia, vencido por Alexandre, o Grande, nas margens do Hidaspe, viveu uma serie fantastica de annos. O grande rei macedonico apoderou-se do animal e resolveu restituir-lhe a liberdade, consagrando-o ao Sol e collocando um aro ou pulseira de metal em uma de suas patas.

Trezentos e cincoenta annos depois foi encontrado o mesmo pachyderme vivo e sadio, com a inscripção intacta.

---

* * * E' sabido que da superficie do Sol se desprendem enormes columnas igneas que se projectam no espaço, a mais de meio milhão de kilometros e a uma velocidade de trinta mil kilometros por minuto. Quando pela primeira vez se observaram estas erupções, os astronomos estavam divididos em suas opiniões, sobre a natureza e origem dellas. Em 1868, o sabio inglez Lockyer observou-as com um espectroscopio sem ter de esperar um eclipse, demonstrando assim qua se originavem no Sol.

Actualmente estão sendo realizadas exatas medições das que apparecem, cujos resultados geraes mencionamos acima.

As hemorrhoidas não são sómente terriveis pelos supplicios que occasionam nem pela desagradavel repercussão que teem sobre o temperamento das suas victimas : ellas são egualmente a origem de complicações de toda a especie, das quaes bastará simplesmente citar as menos graves taes como : as fendas, as fistulas, os abcessos, os phlegmões, que podem pela sua frequencia e conforme os casos, provocar accidentes mortaes.

LABORATORIOS MIDY FRÈRES, 4, Rue du Colonel Moll, PARIS

Agentes Geraes e exclusivos para todo o Brasil.

JULIEN & ROUSSEAU, 174, Rua General Camara — Caixa do Correio, 484, RIO DE JANEIRO

Welch's